

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS CONSTRUÍDAS EM ARQUIVOS: A PERCEPÇÃO DOS LUGARES DAS MULHERES NA ESCOLA POLITÉCNICA

RAQUEL DA SILVA GUEDES*

CAROLINE SILVA DE SOUZA**

ROSILENE DIAS MONTENEGRO***

A Escola Politécnica foi a primeira instituição de ensino superior na cidade de Campina Grande, município do agreste paraibano, a consolidar seu projeto de criação e se instituir como uma Instituição de nível superior. Criada em 1952 apenas com o curso de Engenharia Civil, a Escola Politécnica consolidou-se firmemente na década de 1960. A importância dessa Escola para o município de Campina Grande foi incomensurável, primeiramente como instituição de nível superior que inaugura uma nova perspectiva de ensino, até a inauguração de um novo marco para a vida feminina, trazendo a mulher que saiu da exclusividade do lar para cursar uma formação de nível superior ou para garantir o seu sustento por meio do trabalho. O Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) apresenta em seu arquivo fechado sobre a Escola Politécnica, dados que nos permitiu estudar e perceber os lugares das mulheres nesta Instituição, como as matrículas nos cursos oferecidos, relatórios do diretor e relação de reunião de funcionários e professores, bem como, suas particularidades no tocante a função feminina exercida na repartição, sejam secretárias, auxiliares de serviço, professoras e alunas. Além do mapeamento dos seus locais de origens, em meio as décadas de cinquenta até sessenta, onde a independência e aquisição feminina ao público e as funções ditas masculinas era incomum. O questionamento da pesquisa é perceptível no Arquivo, na análise de dados que permite visualizar como essas mulheres eram inseridas no espaço da Instituição, abrindo discussão para as conquistas dessa mulher que passou do lar, para o trabalho no espaço público em funções primeiramente manuais e subordinadas até a conquista efetiva como funcionárias, como também as alunas que conquistaram seu emprego em repartições privadas e como professoras na Instituição.

* Aluna do curso de Bacharelado em História, Unidade Acadêmica de História, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: raquel.silva.guedes@gmail.com.

** Aluna do curso de Bacharelado em História, Unidade Acadêmica de História, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: kroll.souza@gmail.com

*** Professora, Doutora, Unidade Acadêmica de História, UFCG, Campina Grande, PB, E-mail: rosilenemontenegro@gmail.com

Palavras-Chave: Escola Politécnica, Mulheres, Lugares, Documento, Arquivo.

Abstract

The Polytechnic School was the first institution of higher education in the Campina Grande city, located in the Paraíba state, to consolidate its project to create and institute as an institution of higher education. Founded in 1952 with just the course of Civil Engineering, the Polytechnic has established itself firmly in the 1960s. The importance of this school for Campina Grande city was immeasurable, primarily as an institution of higher level that opens a new perspective on teaching, until inaugurate a new mark in the women's lives, bringing women who left the exclusivity of the home to attend a higher level training or to ensure their livelihood through work. The General Archive of the Federal University of Campina Grande (UFCG) presents in its closed file about the Polytechnic, data that allowed us to study and understand the women's place in this institution, as enrollment in courses offered, director's reports and relationship of meeting of employees and teachers, as well as its peculiarities with regard the feminine function exercised in the department, as secretaries, service assistants, teachers and students. Besides the mapping of its local origins in the middle decades of fifty to sixty, where female independence and acquisition of public functions, as well as male functions, was unusual. The questioning of the research is noticeable on file, in data analysis that enables viewers how these women were inserted in space of the institution, opening discussion to the achievements of this woman who went from home to work in the public space, primarily in the manuals and subordinated functions, until the effective conquest as employees, but also the students who won his job in privates departments and as teachers in the institution.

Keywords: Polytechnic, Women, Places, Document, File.

A Escola Politécnica, com sede em Campina Grande, foi a primeira instituição de ensino superior a ter seu projeto político pedagógico consolidado. Criada em 1952, com o curso de Engenharia Civil, teve devido a questões da burocracia da época autorização para funcionar a partir de julho de 1954. Foi então em julho de 1954 que realizou-se o primeiro vestibular para a seleção de alunos tendo aprovados apenas oito candidatos. Essa instituição conseguiu se consolidar seu projeto político ainda na década de sessenta, sob a direção de Antônio da Silva Morais. A partir de 1963, sob a Diretoria de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, ocorre a expansão de cursos e do corpo docente e técnico-administrativo, acompanhada também de expansão física do espaço.

Em 1974, com a reforma cêntrica colocada pelo Ministério da Educação, a Escola Politécnica deu origem ao Centro de Ciência e Tecnologia (CCT), e ao Centro de Ciências Humanas, do então campus II da Universidade Federal da Paraíba, hoje Universidade Federal de Campina Grande.

Entre a criação da Escola Politécnica e sua transformação em CCT (1952/1974) foram criados os cursos de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Pós-Graduação em nível de Mestrado em Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Pós-Graduação em nível de doutorado em Engenharia Elétrica; foram criados os cursos de Engenharia Mecânica; Processamento de dados (atual Sistemas de Computação); e Meteorologia. De 1976 a 1980 foram criados os cursos de Matemática, Física, Engenharia Química, Engenharia Agrícola, Engenharia de Materiais e Desenho Industrial.

Até contar com sua sede definitiva, a Escola funcionou no prédio da Escola Sólon de Lucena, na Avenida Floriano Peixoto em Campina Grande, entre 1954 e 1956, o segundo local em que funcionou foi no Colégio Estadual da Prata, entre 1957 e 1958, até se transferir para o campus universitário atual, situado à Rua Aprígio Veloso, como bem explica Edvaldo Souza do Ó no livro que escreveu sobre a História dessa Instituição, intitulado de *Politécnica:*

Primeira escola de nível superior em Campina Grande. A expansão da Politécnica ocorreu quando situado em sua sede definitiva, momento em que contou com a participação de alunos de seu quadro discente para a construção do prédio em que funcionava, o bloco B, conhecido como Hall das Placas. Salientamos a relevância da contribuição dos alunos e seus engenheiros, professores engajados no projeto de construção física, política, intelectual dessa instituição. Esse entusiasmo, engajamento, motivação explica o acontecimento histórico de a Escola Politécnica ter pioneira em adquirir o primeiro computador das universidades do Norte-Nordeste, prêmios de atuação e professores estrangeiros, como bem explica Rômulo Lima.

Trabalharemos com o recorte de 1950 até 1969. É importante lembrar que nesses anos a cidade de Campina Grande são de mobilização do imaginário que constitui a identidade dessa cidade “que os letrados expressavam a pretensão de nomeá-la como grande, a começar pelo próprio nome” (TORRES, 2010: 25). Sendo esta denominação, uma pretensão da época para condizer que em meados da década de cinquenta, a cidade já era higienizada, moderna e civilizada, funcionou como palco para instalação de fundações de destaque como a Escola Politécnica da Paraíba, já que, a cidade tinha laboratórios, estudiosos e influência da Casa Civil do Governo da Paraíba, firmando a autorização e criação em 06 de outubro de 1952, como mostra a ata de fundação da Escola Politécnica presente no Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Campina Grande era o paradoxo da modernidade, de um lado o crescimento e a modernização, do outro estava ligada a tradição. Exemplo visível quando pensamos no feminino, as mulheres eram ligadas a tradição do lar, os ensinamentos de ser esposa e mãe eram passados por gerações, mas o crescimento local e as novas acepções conceituais de espaço e gênero fizeram com que essa mulher fosse viver o espaço público. A Escola Politécnica foi um espaço privilegiado nesse sentido. Era o marco do ensino superior e dos novos tempos que vivia a cidade. Precisava de funcionários hábeis ao trabalho e da organização interna para funcionamento, lembrando que nessa época era dada as mulheres apenas a opção de fazer a Escola Normal, onde aprendiam a ser pedagogas ou professoras, profissões ligadas ao “cuidar” de alunos, sendo assim, a segunda mãe dos mesmos.

A fama de crescimento e capacitação da Escola Politécnica passou a ser comentada, inicialmente através do curso superior de Engenharia Civil, o único ofertado em dada época, assim, em 1956 o planejamento de implantação de outros cursos foi pensado, aumentando assim as vagas no processo seletivo do vestibular e a procura por emprego, uma vez que, implantar novos cursos exigia uma equipe maior trabalhando para melhor servir. Inicialmente as mulheres adquiriram cargo nesse local por apadrinhamento, observe-se que algumas vinham ajudar os familiares, como disse a ex-funcionária entrevistada Maria Alencar Rolim: “Meu pai estava doente. Ele trabalhava no almoxarifado e como não tinha quem ajudasse, eu como mais velha para meus irmãos não deixarem de estudar fui ajudá-lo”, ou o caso da secretária Rita de Castro que após assumir seu cargo com dois anos sua irmã Maria de Castro também assume o emprego de secretária, levando a crer que o conhecimento era relevante como indicação para o emprego na época. Outras eram sugeridas por sua competência e habilidade até que a demanda de procura por emprego passou a ser tamanha que o concurso se tornou o meio de garantia do emprego na Instituição de Ensino.

A História Cultural, nesse contexto, veio para decodificar as lacunas e os silêncios, mas além de tudo, abre os olhos para as sensibilidades individuais e coletivas, de modo que o pesquisador conserve sua mente atenta para o que não foi percebido no legado de um ponto histórico. Trata-se do ofício do historiador, analisar a realidade a partir das suas representações, estas consideradas de múltiplos sentidos, pensando as evoluções de outro ângulo e modo, como indica Roger Chartier a respeito desse ramo da história.

É aqui que se faz o início da análise dos lugares das mulheres na Escola Politécnica, usando como fonte as atas, relatórios, documentos expedidos e documentos presente no Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande, sendo este, particular da Instituição.

Os primeiros dois anos da Escola Politécnica, como já mencionado, estiveram reservados à burocracia de criação de uma Instituição. Em 1954 estava efetivada a primeira turma de alunos em Engenharia Civil, as instalações eram pequenas e com um número pequeno de funcionários, eram 30 pessoas incluindo o quadro de professores, dos quais eram 22 funcionários e 8 professores. Ademais, a boa fama da Politécnica foi sendo perpassada na cidade e nos arredores, fazendo com que o número de pessoas que procuravam estar na

instituição, seja como funcionário ou aluno, foi aumentando consideravelmente. Na turma de 1956 de Engenharia Civil, há a presença de uma única mulher como aluna, fora da sala, já existiam mulheres que trabalhavam como auxiliares de serviço e na secretaria, formando um total de oito funcionárias.

O crescimento demasiado fez com que a Instituição necessita-se de um local maior, assim a Escola Politécnica foi transferida para a localidade onde hoje é a UFCG. Essa época data o início dos anos sessenta, o seu quadro de funcionários marcam trinta contribuintes registrados, onde cinco desses são mulheres, estas nas funções de auxiliares de serviço, auxiliar de biblioteca, inspetora e secretária. Vemos então, o primeiro destaque, Rita de Castro, começou a atuar como auxiliar de secretaria. Era uma aprendiz do ofício que começou a trabalhar ainda jovem, porém devido ao seu grau de competência aprendeu todo as tarefas e em menos de cinco anos virou a secretária mais reconhecida da Politécnica. Tratava-se do braço direito do diretor e atinha o poder de responder por alguns problemas quando este precisava se ausentar.



1966
Doação de um motor por Manoel Patricio. Esquerda para direita: secretária Rita Castro, Diretor prof. Lynaldo Cavalcanti, comerciante Manoel Patricio, funcionário Israel.

Rita de Castro recebendo um motor doado em 1966
Acervo do Arquivo Geral da UFCG

Rita de Castro, já falecida, indicou sua irmã Maria de Castro para o trabalho também na secretaria, gozava de grande respeito dentre os funcionários e professores, como afirmou em entrevista para o Projeto História e Memória da Ciência e Tecnologia, o ex funcionário da Escola Politécnica, hoje aposentado, Marcos Aurélio Miranda Leite:

Rita de Castro era basicamente a responsável por nós funcionários, principalmente os da secretaria. Ela tinha uma personalidade rígida, imponente, o que ela dizia estava dito, era muito correta com as coisas e a burocracia. Foi quem me ensinou o que eu sei hoje em relação ao meu trabalho. Sempre faço tudo correto, pois aprendi com ela o rigor do ofício. (Entrevista concedida ao Projeto Memória em 19 de Fevereiro de 2013)

Rita de Castro é o nosso primeiro exemplo de crescimento e conquista de um lugar enquanto profissional e mulher, ressaltamos que toda a documentação da Politécnica nos seus anos de trabalho passam por sua vistoria e assinatura.

Em 1966 é solicitado mais funcionários para suprir a demanda de trabalho, nesta época já era feito concurso para garantir a vaga, valendo salientar que muitos dos funcionários já atuantes prestaram o concurso para assegurar seu emprego. Nessa demanda pediram onze funcionários e duas mulheres estavam entre estes. Já eram casadas e mães de família. Trabalhavam os dois turnos e ainda aos sábados, mas o seu reconhecimento foi visto no aumento salarial, como mostram os livros de correspondência financeira do Arquivo Geral, além de que, eram responsáveis pelos seus setores. Exemplo nítido é Maria Alencar Rolim, já citada neste texto, que entrou na Politécnica para ajudar o pai no almoxarifado, pois este estava com problemas de saúde e após o afastamento do pai, prestou o concurso e foi efetivada a responsável pelo setor, dados vistos no Arquivo e confirmado pela mesma em entrevista ao Projeto.

É importante lembrar que o **Projeto Memória da Ciência e Tecnologia**, trabalha desde seu início, em 2004, com arquivos, seja o Arquivo Geral que contém o acervo da Politécnica, como também o Arquivo do Diário da Borborema, jornal local. Todas as informações encontradas são comparadas e comprovadas, além de questionadas com funcionários atuantes da Instituição por meio de entrevistas, campo possível através da História Oral, sabendo que esta é usada aqui para ajudar a analisar o passado,

A História Oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas facetas e dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2006:15).

Faz-se perceptível que os lugares das mulheres na Politécnica eram em funções até certo ponto “amenas”, consideradas femininas. O progresso das habilidades e competências técnicas e/ou intelectuais dessas mulheres variou de acordo com aspectos bem individuais e subjetivos de cada uma, fosse a força de vontade e fosse a competência. Da mesma forma que Rita de Castro foi um destaque, não há indícios documentais expressivos a respeito das auxiliares de serviço ou da auxiliar da biblioteca.

No que diz respeito as alunas da Escola Politécnica, tomamos uma postura ainda mais cautelosa devidos as muitas peculiaridades. Vimos na documentação pesquisa no Arquivo Geral da UFCG que durante a década de cinquenta a presença de alunas na Instituição de ensino é praticamente inexistente, salvo por três alunas que cursavam Engenharia Civil. Na década de sessenta esses números aumentaram, mas o ápice da presença feminina nos cursos de Engenharia da antiga Politécnica, então já CCT ocorreu nos anos setenta. Atribuímos esse aumento significativo ao sucesso da Politécnica, a vinda de alunas de outros estados, e certamente ao avanço das ideias feministas de disputa de espaços, juízos estes colocadas no debate social, ressaltando que ainda estávamos sob o período da ditadura.

A concorrência para o curso de Engenharia Civil, em 1966, foi de oitenta inscritos. Desses, seis eram mulheres e apenas uma foi aprovada. O quadro não foi diferente em 1967, quando de cento e noventa e nove inscritos, somente oito eram mulheres e nenhuma foi aprovada. Em 1968, foram noventa inscritos, sendo sete mulheres e apenas três foram aprovadas. E em 1969, prestaram vestibular oitenta e quatro pessoas, sendo seis mulheres e somente duas foram aprovadas.

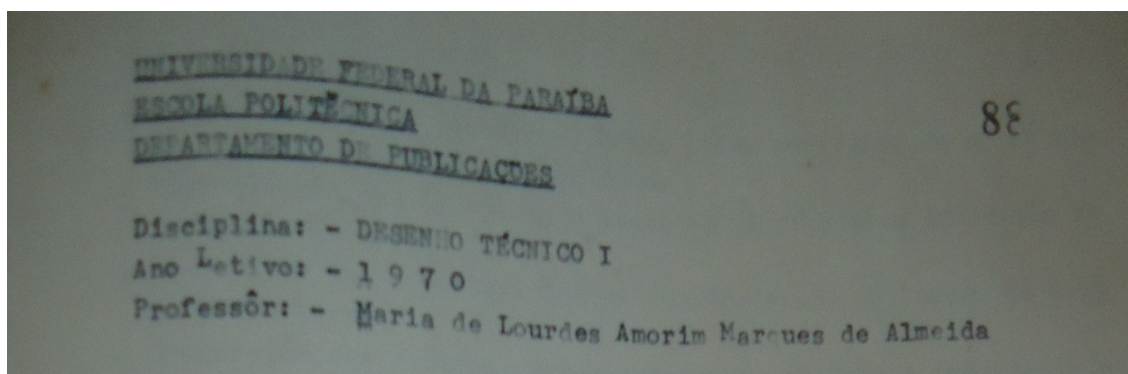
Vestibular	Inscritos	Homens	Mulheres	Aprovados	Homens	Mulheres
1966	80	74	06	26	25	01
1967	199	191	08	42	42	Nenhuma

1968	90	83	07	–	–	03
1969	84	78	06	–	–	02

Divisão, por gênero, dos inscritos e aprovados nos vestibulares para o curso de engenharia civil nos anos de 1966, 1967, 1968 e 1969 na Escola Politécnica.

Assim catalogado, temos em uma década a presença de apenas 6 (seis) alunas na Escola Politécnica. Mas o curioso são os dados aleatórios. Nos relatórios de inscrições no exame de vestibular, percebemos o primeiro ponto intrigante, uma parte significativa dessas mulheres inscritas nos vestibulares eram de cidades circunvizinhas a Campina Grande, consideradas como “interior”. Essas mulheres se inscrevem, mas não compareceram para realizar o exame de seleção, outras ao serem aprovadas não efetuam a matrícula, o que nos leva a questionar as razões desse fato. Há destaque apenas para duas alunas, Tânia Quezado de Magalhães, que aparece como monitora de disciplinas e aluna de Seminários de Extensão e Ana Maria Vilar Campos, esta se efetivou professora em 1971 após a conclusão do curso como chefe do Laboratório de Hidráulica.

Além de Ana Maria Vilar Campos, a única professora até 1971 da Escola Politécnica foi Maria de Lourdes de Almeida, em 1966. Ela lecionava a disciplina *Desenho a mão Livre*, mas, verificamos que dos cinquenta professores, ela era a única mulher e não fazia parte do quadro efetivo. Tratava-se de uma professora auxiliar e pouco comparecia às dependências da Politécnica, sendo sua disciplina lecionada fora do espaço da Politécnica, na Escola Estadual da Prata.



Disciplina ministrada por Maria de Lourdes Almeida
Acervo do Arquivo Geral da UFCG

Não foi possível encontrar detalhamento da causa pela qual esta disciplina foi ofertada em local externo às dependências da Politécnica. Também não dispomos de mais elementos que nos permita inferir sobre as causas do não comparecimento de algumas mulheres candidatas nos exames vestibulares para a Politécnica, nem o não comparecimento quando aprovadas para a efetivação de suas matrículas no curso superior. Não obstante as muitas interrogações que afloram dessas constatações, encontramos dificuldades com a documentação pesquisada devido também ao deterioramento de alguns documentos, principalmente os que se referem aos anos cinquenta. Muito provavelmente, as mudanças de gestão e, também, de espaços físicos do Arquivo, além de condições inadequadas à acomodação desses documentos, levaram a perda dos mesmos, ocasionando uma quebra no processo histórico da Instituição. Vale salientar que um arquivo tem um modo especial de tratamento, desde da climatização, a acomodação dos documentos, divisão por tipo, ano e assunto, precisando de uma equipe preparada para lidar com essa fonte, como afirma Zélia Silva ao descrever os arquivos, patrimônios e memória. A constatação da falta de uma política de gestão de documentos na UFCG, e o conhecimento de quase total ausência de atenção para a guarda desses documentos quando o campus era UFPB, nos colocam enquanto instituição UFCG nessa situação de dificuldade para a pesquisa no arquivo de documentos. Precisamos reconstituir histórias, registrar memórias, resgatar a importância dos documentos, uma vez que, “O documento é o testemunho da atividade de homem, fixado em um suporte durável” (CASTILHO, 1991:10), quebrando desta forma a possibilidade de obter mais respostas, bem como a história e memória da Escola Politécnica.

Em Le Goff (1992) conseguimos perceber que a memória está nos alicerces da história, se confundindo com o monumento, o documento e a oralidade. A memória é um trabalho historiográfico recente, aceito após a Nova História em 1970 e embora seja colocado em questão, não seria possível trabalhar a memória sem se ater a pensar que esta se encontra no âmbito do que já foi vivido. A construção que estuda e analisa o passado é as lembranças do indivíduo, que quando comparadas e associadas a documentos ou estando presente em uma memória coletiva monta os trilhos de fatos ocorridos outrora.

Para Le Goff, é necessário manter a diferenciação entre a memória oral e escrita, enquanto para Pierre Nora (1993), a história começa onde a memória encerra seu relato e tal só seria possível se um grupo de pessoas o quisesse fazer. Sendo assim, há um desejo pela memória para remontar um momento e estudar suas verdades e feitos, estes estão guardados no que ele chama de “lugares da memória” para ter continuidade aquela História que se faz constituída e agora é evidenciada a partir dessa busca, já que, são muitas as questões a serem estudadas, bem como, a serem questionadas pelo pesquisador rotineiramente. É preciso então, pensar na memória como elemento vivo que reconstrói a história,

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993: 09).

Vimos que a representação feminina tem sido lugares de contradições, permanências, negociações, rebeliões por tratar de uma questão de gênero, sendo para o período em análise uma questão das mais complexas para compreender as mudanças por que passavam as sociedades e culturas. Aborda-se que a conquista feminina no meio público não era bem aceita por grupos de pessoas ligadas aos valores tradicionais, pois, em dada época pensava-se que a mulher deveria ser um elemento do lar, confrontadamente, quando esta vai ao encontro da sua dependência, além de enfrentar os olhares sociais, tem que competir com o universo masculino com competência para obter sucesso e respeito. Os lugares das mulheres foram se colocando na entrelinha, no ofício discreto, maneiro, delicado e hoje esses ofícios como secretaria ou auxiliar de serviços, são ditos como feminino, ressaltamos que noventa por cento das secretárias são mulheres, as determinadas recepcionistas que devem ser “delicadas”, “educadas” e “belas”.

A mulher que estava iniciando a conquista no espaço público na então Campina Grande em processo de modernização, viu na Escola Politécnica, tendo essa a importância de ensino superior, não só um meio de emprego, mas também a abertura para a conquista feminina no mercado de trabalho e no espaço social. A mulher começou sua história discretamente, trabalhou por necessidade, entrou como aprendiz e logo se tornou a concursada, nem todas com destaque, mas as que assim conseguiram viraram ícone social. Elas causaram microrrevoluções no cotidiano doméstico e do local onde trabalharam, o qual era constituído quase que completo por homens.

Essa mulher está para ser conhecida, estudada, se mostra ao mesmo tempo implícita e se insinuando por meio dos documentos do Arquivo Geral da Universidade Federal de Campina Grande no acervo da Escola Politécnica, garantindo que o seu legado memorável esteja assegurado como uma representação de conquista do seu direito.

Referências Bibliográficas:

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Sistema de arquivos. In. Castilho, Ataliba Teixeira. (Org). A sistematização de arquivos públicos. Campinas: EDUNICAMP, 1991.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LE GOFF, Jaques. História e Memória. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

LIMA, Rômulo de Araújo. A luz que não se apaga: a Escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

Ó, Edvaldo de Souza do. Politécnica: Primeira Escola Superior de Campina Grande. Campina Grande: Editora Campina Grande Ltda.

SILVA, Zélia Lopes (Org). Arquivos, Patrimônios e Memória: Trajetórias e Perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1999.

TORRES, José Valmi Oliveira. Escola Politécnica e a construção identitária de Campina Grande como pólo tecnológico (1952-1973). Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB. 2010.